

Por que ser Professor? Narrativas de egressos do Curso de Licenciatura em Matemática da Unimontes (2020-2023)

Saulo Macedo de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros

Montes Claros, MG — Brasil

✉ saulo.oliveira@edu.unimontes.br

ORCID [0009-0002-8183-149X](https://orcid.org/0009-0002-8183-149X)

Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida

Universidade Estadual de Montes Claros

Montes Claros, MG — Brasil

✉ shirley.almeida@unimontes.br

ORCID [0000-0002-4785-7963](https://orcid.org/0000-0002-4785-7963)



2238-0345 

10.37001/ripem.v15i2.4549 

Recebido • 12/04/2025

Aprovado • 08/05/2025

Publicado • 12/05/2025

Editor • Gilberto Januario 

Resumo: Este estudo orientou-se pelo objetivo de compreender as motivações e influências para a escolha de cursar uma licenciatura e ser professor, dos egressos do Curso de Matemática da Unimontes, graduados no período de 2020 a 2023. Fundamentados na metodologia História Oral, realizamos a escuta de 17 licenciados desse curso. O trabalho tem o potencial de contribuir para pesquisas no campo da Educação Matemática ao fornecer subsídios para investigações que têm como foco a escolha da licenciatura. Após a categorização das narrativas apresentadas pelos depoentes, elegemos quatro categorias de análise: O professor da Educação Básica como inspiração; Encanto e gosto pela Matemática; A influência familiar na escolha da licenciatura; e Segunda opção. Os resultados nos permitem concluir que a escolha dos participantes de ingressarem em uma licenciatura e de se tornarem professores, veio a partir de influências e motivações intrínsecas, como o encanto e o gosto pela Matemática, e extrínsecas, quais sejam, professores que eles tiveram durante a Educação Básica e que serviram de inspiração e motivação, assim como a família, fatores econômicos e regionais.

Palavras-chave: Escolha da Licenciatura. Formação Inicial de Professores de Matemática. História Oral. Motivações e Influências.

Why be a teacher? Narratives of graduates from the Mathematics Degree Course at Unimontes (2020-2023)

Abstract: The aim of this study was to understand the motivations and influences behind the choice to study for a degree and become a teacher among graduates of the Mathematics course at Unimontes, who graduated between 2020 and 2023. Based on the Oral History methodology, we listened to 17 graduates of this course. The work has the potential to contribute to research in the field of Mathematics Education by providing support for investigations that focus on the choice of degree. After categorizing the narratives presented by the interviewees, we chose four categories of analysis: The Basic Education teacher as inspiration; Enchantment and love of mathematics; Family influence on the choice of degree; and Second choice. The results allow us to conclude that the participants' choice to study for a degree and become a teacher came from intrinsic influences and motivations, such as their fascination and love of Mathematics, and extrinsic ones, such as the teachers they had during Basic Education who served as inspiration and motivation, as well as family, economic and regional factors.

Keywords: Choice a Teacher's Degree. Initial Mathematics Teacher Training. Oral History. Motivations and Influences.

¿Por qué ser profesor? Narrativas de egresados del Curso de Licenciatura

en Matemáticas de la Unimontes (2020–2023)

Resumen: El objetivo de este estudio fue comprender las motivaciones e influencias detrás de la elección de estudiar una carrera y convertirse en profesor entre los graduados del curso de Matemáticas de la Unimontes, que se graduaron entre 2020 y 2023. Con base en la metodología de Historia Oral, escuchamos a 17 graduados de este curso. El trabajo tiene el potencial de contribuir a la investigación en el campo de la Educación Matemática, proporcionando apoyo a las investigaciones que se centran en la elección de la titulación. Después de categorizar las narrativas presentadas por los entrevistados, elegimos cuatro categorías de análisis: El profesor de Educación Básica como inspiración; Encantamiento y gusto por las Matemáticas; Influencia de la familia en la elección de la titulación; y Segunda opción. Los resultados nos permiten concluir que la decisión de los participantes de estudiar una carrera y convertirse en profesores se debió a influencias y motivaciones intrínsecas, como su encanto y gusto por las Matemáticas, y extrínsecas, como los profesores que tuvieron en la Educación Básica y que les inspiraron y motivaron, así como factores familiares, económicos y regionales.

Palabras clave: Elección de Licenciatura. Formación Inicial del Profesorado de Matemáticas. Historia Oral. Motivaciones e Influencias.

1 Iniciando a discussão

A escolha de qual profissão seguir é uma inquietação que pode gerar conflitos internos nas pessoas. Esse momento exterioriza-se ainda com maior complexidade quando quem irá realizar tal escolha são jovens, os quais levam consigo dúvidas, ansiedades e influências da sociedade e do meio onde vivem (Carvalho, 2017).

Silva, Ribeiro e Malta (2018, p. 743) evidenciam que “a escolha profissional tem se revelado como grande desafio para sujeitos que desejam lograr êxito no desenvolvimento de uma profissão”. Essa escolha não é simples e fácil, pois há fatores que influenciam nesse processo, quais sejam, família, oportunidades, meio social e recursos.

Ainda nessa discussão, também é complexa a tentativa de compreender quais os fatores determinam essa decisão, ou seja, entender o que motivou ou influenciou a escolha profissional de uma pessoa, pois não é um ato isolado, mas, sim, o resultado de um amálgama entre influências extrínsecas e intrínsecas.

Segundo Carvalho (2017, p. 58), quando se levantam discussões sobre as motivações e influências para a escolha profissional, comumente emergem justificativas alusivas às questões intrínsecas a cada pessoa, quais sejam, gostos, habilidades e facilidades em determinada área e até mesmo inspiração de algum profissional. Também, “brotam-se ainda justificativas que indicam os fatores ditos inatos, tais como o dom e a vocação”.

Ao intentarmos escolher a profissão a seguir, emergem possibilidades que podem nos orientar a alcançar o propósito de profissionalização, para o qual há cursos técnicos, profissionalizantes e superiores. Nesse sentido, Pinto de Carvalho *et al.* (2020, p. 3) revelam que o que “observa na literatura sobre o tema é que o acesso ao ensino superior tem representado, para muitos sujeitos, a busca por uma (re) colocação profissional, a procura por conhecimento, chance de mobilidade, bem como uma oportunidade de ascensão social”.

Portanto, com o objetivo de compreender as motivações e influências para a escolha de

cursar uma licenciatura e ser professor¹, dos egressos do Curso de Matemática da Unimontes², graduados no período de 2020 a 2023, realizamos uma pesquisa com 17 licenciados desse curso, pautados na metodologia História Oral. Mediante essa discussão inicial, foram levantadas as seguintes questões que nortearam este estudo: Por que escolheram a licenciatura? Quais ou quem foram suas influências, motivações e inspirações para realizar tal escolha?

O estudo insere-se no campo da Educação Matemática pois investiga as motivações e influências para a escolha da Licenciatura em Matemática. Ao problematizar os fatores sociais, contextuais e subjetivos que permeiam a escolha profissional, o trabalho contribui para a compreensão dos processos de constituição identitária dos professores de Matemática, aspecto relevante para a formação e atuação docente. Dessa forma, o estudo dialoga com esse campo ao refletir sobre o percurso formativo, as aspirações e as motivações que influenciaram a entrada e escolha da profissão, ampliando o debate sobre a formação e atuação de professores de Matemática.

Este artigo apresenta, além das seções de introdução e considerações finais, outras três. Na primeira, discutiremos, na visão de pesquisadores do tema, os motivos da escolha pela licenciatura; na segunda, apresentaremos os procedimentos metodológicos, pautados pela História Oral e pelo reconhecimento das vozes dos depoentes³ deste estudo; e na terceira seção, analisaremos, por meio de categorias, as motivações e influências dos egressos do Curso de Licenciatura em Matemática da Unimontes, graduados no período de 2020 a 2023, para suas escolhas.

2 A escolha pela licenciatura

Por que escolher a licenciatura e ser professor(a)? As motivações para essas escolhas podem ser intrínsecas, subjetivas e até mesmo altruístas, considerando a afinidade ou o desejo de se tornar um(a) professor(a), ou extrínsecas, relacionadas aos fatores externos, oriundos do meio familiar ou, até mesmo, influenciados pela imagem de algum(a) professor(a) que passou pela trajetória escolar de alguém. Ambas as motivações - intrínsecas e extrínsecas - não são excludentes, elas coadjuvam na tomada de decisão pela licenciatura.

Em contraposição à ideia de que a escolha de ser professor é meramente intrínseca e subjetiva, Gatti (2010, p. 180) assevera que o fato da mesma ser articulada ao dom, à vocação e ao amor pela profissão

faz com que a maioria admita a docência não como uma escolha profissional, mas como uma atividade complementar, secundária, que pode acontecer concomitante a outra atividade profissional (como um hobby, ou trabalho voluntário, ou um ‘bico’) ou em uma idade mais avançada, quando já tiver estabilidade financeira.

Essa crença favorece a desvalorização, social e econômica, da profissão de professor,

¹ Neste estudo compreendemos, amparados por Rios (2010, p. 53), que professor é o sujeito que conclui uma Licenciatura e não aquele que está em exercício da profissão, pois “o docente é professor em exercício, isto é, que efetivamente desenvolve uma atividade. Ser professor é uma profissão. Mas é no efetivo exercício de sua profissão que o professor recebe a denominação de docente”.

² Universidade Estadual de Montes Claros.

³ Neste trabalho, adotamos o termo *depoente* por compreendermos que ele reconhece seu papel ativo ao compartilhar memórias, experiências e percepções, contribuindo diretamente para a construção da história. Ao focalizar o paradigma indiciário, o historiador italiano Carlo Ginzburg nos apresenta que o depoimento é um modo de fazer e reconstruir histórias, baseadas no falar e no indicar eventos que fizeram parte da vida de quem está depondo, estabelecendo e apresentando indícios dos acontecimentos da sua vida (ou parte dela), com o pesquisador realizando a escuta para conhecê-los. Ou seja, o depoente é a testemunha viva que conta a história a partir do seu ponto de vista (Ginzburg, 1989).

pois, ao articular a escolha profissional a uma postura sacerdotal, em que os sentimentos como amor e dom são elementos essenciais para a escolha da docência, aspectos importantes como salário e plano de carreira ficam em *pano de fundo*, com a profissão sendo caracterizada como doação de si mesmo.

A escolha pelo professorado comumente é motivada por aptidão, dom e até mesmo pela predisposição que a pessoa tem de ser professora, outrossim, tem-se o ideal sacerdotal de que a escolha não deve ser articulada ao retorno financeiro, mesmo vivendo em uma sociedade capitalista, caracterizada pelo processo de valorização do capital, aumento da produção da mais valia, aumento da força produtiva do trabalho (Previtali & Fagiani, 2015).

Diante disso, a profissão de professor deixa de ser uma escolha viável. Nóvoa (1995, p. 22) revela que a “crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação a curto prazo”. Para o pesquisador, essa crise é a consequência do mal-estar que atinge o professorado, incluindo absentismo e abandono laboral, não encaminhamento à docência, desinvestimento e indisposição constante com a profissão.

Ainda segundo Nóvoa (1995, p. 25), é necessário que a docência seja valorizada como profissão principal de uma pessoa, e não como *bico* ou até mesmo uma complementação; esse profissional necessita de suporte para a realização das suas atividades, necessitando “adquirir margens mais alargadas de autonomia na gestão da sua própria profissão e uma ligação mais forte aos actores educativos locais”; deve haver instituições específicas para a formação inicial do professor, que trabalhe a autonomia, criticidade e que não limite a imitar profissionais, sendo repensada e reestruturada abrangendo a formação inicial, indução e a continuada; constituição e consolidação de associações profissionais para professores; elaboração de um conjunto de valores e normas que produza uma cultura profissional pautada por critérios de exigências em relação a consolidação da carreira docente; e um estatuto com ganho do prestígio social e econômico.

Nesse sentido, Carvalho (2017, p. 60) revela que “muitas vezes a não escolha pela profissão de professor é justificada recorrendo-se a desvalorização salarial da classe docente”, e que, historicamente, vivemos num momento em que a função do professor está deveras distante de ter o merecido valor, pois, como salienta Nóvoa (2009), ao docente são conferidas incumbências que ultrapassam a sua função basilar que é ensinar. Parece caber ao professor a resolução de problemas familiares e sociais que os estudantes levam para as salas de aula, relacionar e atuar com e na comunidade, além de ter um perfil gestor.

Diante da desvalorização, social e econômica, da profissão de professor, da difícil forma de lidar em situações com os estudantes, das más condições e longas horas de trabalho, há uma desestimulação pela escolha de uma licenciatura. Para Agostini e Massi (2017, p. 2), é nessa conjuntura que arraiga “a baixa procura pelos cursos de licenciatura; a alta taxa de evasão nas licenciaturas em ciências exatas; pouco encaminhamento dos egressos à docência; baixa atratividade e permanência no magistério”.

Silva, Ribeiro e Malta (2018), em sua pesquisa realizada em uma universidade pública do estado da Bahia, revelam que estatisticamente a escolha pela licenciatura é destoante, se comparada a outros cursos superiores. Os autores revelam que os cursos mais concorridos são Medicina (133,3 pessoas por vaga), Odontologia (40,53 pessoas por vaga), Direito (36,5 pessoas por vaga), Psicologia (21,76 pessoas por vaga) e Engenharia Civil (19,62 pessoas por vaga) em comparação com Física (1,9 pessoas por vaga); Letras (2,25 pessoas por vaga); Matemática (2,6 pessoas por vaga) e Geografia (2,77 pessoas por vaga).

Segundo os autores supracitados, apesar da baixa procura por Cursos de Licenciatura –

variando entre 1,9 a 2,77 pessoas por vaga –, e consequentemente da concorrência também, há uma demanda por professores – de todas as áreas – licenciados no Brasil. O Censo Escolar da Educação Básica (Brasil, 2017) evidencia que 77,5% dos professores atuantes na Educação Básica têm o diploma do Ensino Superior, ou seja, há ainda professores que não tem profissionalização docente, com construção de conhecimento, habilidades e formação adequada para atuação nesse espaço.

Sendo assim, mesmo diante das adversidades e da desvalorização da profissão, há aqueles que, ainda, escolhem a carreira docente, sendo motivados por fatores como: residir próximo à instituição de ensino superior onde há possibilidade de cursar a licenciatura; facilidade de aprovação no vestibular dada a menor concorrência em comparação com outros cursos; gratuidade dos cursos oferecidos por instituições públicas; possibilidade de realizar o curso no período noturno, permitindo conciliar estudo e trabalho; influência de professores durante a vida escolar e/ou motivados pela própria família.

3 Procedimentos metodológicos

Nesta seção apresentaremos os procedimentos metodológicos, pautados pela História Oral, e o reconhecimento das vozes dos participantes deste estudo. Salientamos que as narrativas⁴ analisadas são de egressos do Curso de Licenciatura em Matemática da Unimontes, licenciados no período de 2020 a 2023.

3.1 História Oral

Definir o que é História Oral é algo complexo pois, além de ser uma técnica que utiliza aparelhos eletrônicos, dinâmica e criativa, é “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do “tempo presente” e reconhecida como “história viva”” (Meihy, 2005, p. 17).

Segundo o autor supracitado, a História Oral é uma prática de construção de narrativas, realizada por meio de aparelhos eletrônicos; é um conjunto de procedimentos que se inicia a partir da constituição de um projeto, definição de um grupo de depoentes a serem entrevistados; é uma alternativa e um processo sistêmico para estudar a sociedade por intermédio de documentação, construída por meio de depoimentos gravados e transformados em escritos.

Para Santos e Silva (2022, p. 43), a gênese da História Oral deu-se entre as décadas de 1940 e 1950, nos movimentos sociais, migrando para o campo científico e acadêmico posteriormente. Na produção de conhecimentos que utilizam a história como fonte de dados, a História Oral é uma metodologia inovadora pois viabiliza os estudos que a utilizam para a “inserção de muitos sujeitos que são parte de uma história e com eles todas as suas experiências de vida”.

Por meio da invenção e utilização do gravador de voz, os estudos que utilizavam a História Oral foram impulsionados, tornando-se, também, uma técnica de pesquisa. Isso porque, as narrativas passaram a ser colhidas, arquivadas e utilizadas posteriormente em outros estudos. Os relatos dos depoentes foram reconhecidos como dados de pesquisa e passaram a ser alvo de interesse por pesquisadores (Alberti, 2005).

Segundo Santhiago (2008), desde que a História Oral ousou extrapolar a condição de

⁴ Fundamentados em Roque e Gomes (2022, p. 233), entendemos as narrativas “como uma forma específica de discurso, organizado em torno de um enredo, personagens e uma sequência temporal vinculada à espacialidade, e que se caracteriza pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória”.

fonte, instituindo-se como metodologia, há debates que congregam um único objetivo, qual seja: questionar sua legitimidade científica e do documento provindo da sua pesquisa, assim como o papel do historiador oral.

Nesse sentido, Thompson (1998) e Meihy (2005) defendem a legitimidade científica da História Oral. Esses autores argumentam que as versões de determinados acontecimentos, apresentados por meio dos depoimentos colhidos em entrevistas e posteriormente transcritos, revelam a realidade social dos participantes da pesquisa.

Contrariam-se, então, as críticas a essa metodologia e aos depoimentos, que afirmam que são tecidos de interfaces emocionais, vieses variados e capciosos. Por conseguinte, Meihy (2005, p. 53) salienta que “é exatamente o conjunto dessas “alterações” que interessa”, sendo a subjetividade da emoção e da paixão de quem narra, a essência da História Oral.

Compreendemos a História Oral como uma metodologia empregada em estudos com depoimentos de pessoas, colhidos mediante entrevistas planejadas e realizadas previamente, objetivando-se preservar e analisar suas vivências, experiências e memórias pregressas. Há a valorização de vozes que outrora não estavam em dados oficiais, permitindo compreender o passado numa visão tanto subjetiva quanto coletiva de um determinado grupo social.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (Meihy, 2005, p. 19).

Entretanto, não é qualquer depoimento gravado, ou até mesmo filmado, que se constitui em História Oral. Discursos lidos em público, falas improvisadas em eventos, recitação de poema, peças teatrais, cartas lidas, orações em viva voz não constituem História Oral, mas fontes de oralidade (Meihy, 2005).

Há três gêneros da História Oral (Meihy & Holanda, 2015), quais sejam: (i) de Vida, que têm roteiros mais amplos, pois está interessado nos diversos aspectos vividos durante a vida do depoente, podendo muitos se referirem à História Oral de Vida como uma biografia, a qual se constrói em vários encontros; (ii) Temática, em que o diálogo e a construção da história do depoente se constroem a partir de um tema específico. A História Oral Temática não deve se constituir por meio de um depoimento, mas de vários para abarcar o assunto; e (iii) Tradição Oral, que, segundo os autores, demanda maior tempo do historiador oral, pois se origina de observações contínuas, conhecimento do universo pesquisado, descrições detalhistas do dia a dia, comportamento, cultura e reconhecimento do grupo pesquisado.

Neste estudo elegemos a História Oral Temática para nos subsidiar metodologicamente, considerando que ela tem o potencial de mobilizar um determinado grupo social partindo de uma tendência específica, tematizada e com mais objetividade. Logo, as entrevistas devem ser direcionadas ao assunto fulcral da pesquisa, que faz parte das experiências de vida do depoente.

Ao realizar uma pesquisa que prestigia a História Oral como escolha metodológica, Alberti (2005) apresenta quatro etapas que o pesquisador deve seguir: (i) *Preparação das Entrevistas*: nessa etapa é instituído o roteiro de entrevista, define-se o gênero da História Oral a ser seguido – neste estudo elegemos a Temática; (ii) *Realização das Entrevistas*: após entrar em contato com os depoentes, a próxima fase é realizar as entrevistas do grupo pré-determinado; (iii) *Tratamento das Entrevistas*: nessa etapa inicia-se a transposição do oral para

o escrito, por meio da transcrição⁵ e textualização⁶ das entrevistas. Após esses procedimentos, as textualizações são devolvidas aos depoentes para aprovação; e (iv) *Interpretação das Entrevistas*: em que é realizada a análise das narrativas dos depoentes.

3.2 Caminhos trilhados e testemunhos coletados

Como descrito anteriormente a respeito das etapas para o trabalho com a História Oral, apresentaremos os caminhos trilhados e os depoentes que *testemunharam* neste estudo. A primeira etapa é a preparação das entrevistas, com vistas à construção do roteiro. Neste trabalho, recorremos ao roteiro de entrevista semiestruturada, no qual na primeira parte propomos a apresentação pessoal do depoente; na segunda, discute-se sua formação na Educação Básica; na terceira, refere-se à sua formação no curso superior; na quarta, abordam-se as escolhas, profissionais e acadêmicas, após a colação de grau e, na quinta parte, é questionado sobre as suas impressões sobre o curso em que se licenciou.

Para a consecução da segunda etapa, que foi a realização das entrevistas, de início, contatamos a Secretaria Geral da Unimontes, setor responsável pelas informações dos acadêmicos da instituição, em 19 de março de 2024, com a devolutiva em 25 de abril de 2024, solicitando a quantidade de licenciados em Matemática de todos os *campi* que têm ou que já tiveram o curso, que foram titulados no período de 2020 a 2023, conforme apresentamos a seguir.

Quadro 1: Quantidade de egressos do Curso de Licenciatura em Matemática da Unimontes no período de 2020 a 2023

Campus/Ano	2020	2021	2022	2023	Total
Montes Claros	15	26	9	21	71
Joáima	9	10	-	-	19
São Francisco	10	5	4	9	28

Fonte: Secretaria Geral da Unimontes, 2024

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Unimontes, contatamos, novamente, a Secretaria Geral em 25 de junho de 2024, para solicitar informações dos egressos como nome completo, ano de colação de grau de cada um e e-mail para contatá-los. O retorno da nossa solicitação deu-se no dia 02 de setembro de 2024.

Por meio do e-mail disponibilizado pela Secretaria Geral da Unimontes, entramos em contato no dia 19 de setembro de 2024 com os(as) egressos(as) do Curso de Licenciatura em Matemática, apresentando-lhes a pesquisa, seu objetivo, como seriam realizadas as entrevistas e convidando-os para participar de acordo com a disponibilidade de cada um(a).

Nesse movimento foram contactados 118 egressos que obtiveram o título de licenciados no período de 2020 a 2023. Entretanto, foram 23 os que responderam ao e-mail aceitando participar das entrevistas. Destes, somente 17 marcaram, de fato, uma data e horário para nos reunirmos. A seguir, apresentamos os dados das entrevistas, como os nomes próprios⁷ dos

⁵ Na transcrição é realizado “o registro bruto e o mais fidedigno possível das falas dos depoentes, preservando os vícios de linguagem e os elementos linguísticos presentes nas narrativas e no diálogo” (Castro e Almeida, 2015, p. 57).

⁶ A textualização “consiste na organização das ideias numa sequência lógica, omitindo-se os vícios de linguagem, as afirmações repetidas, promovendo, desse modo, a organização de um texto coerente e articulado às questões de pesquisa” (Castro e Almeida, 2015, p. 57).

⁷ De acordo com Rolkowski (2008, p. 66) “a manutenção dos nomes dos depoentes, [é] exigência da HO, dada sua intencionalidade em constituir fontes históricas a serem disponibilizadas a outros pesquisadores”. Foi explicado aos participantes, durante a entrevista, e dado a liberdade de escolha de colocar ou não o nome de cada um. Para os que aceitaram, está apresentado o nome próprio, caso contrário, são apresentados codinomes de personalidades importantes para a Matemática.

depoentes, data, local e duração de cada uma.

Evidenciamos que as entrevistas foram realizadas pelo aplicativo Google Meet por solicitação dos(as) depoentes, devido à disponibilidade de tempo e à distância para deslocamento de cada um(a) na data e no horário marcados para as entrevistas.

Quadro 2: Dados das Entrevistas

Nome do(a) egresso(a)	Data	Local	Duração
Igor Soares Santos	28/09/2024	Google Meet	1h 18min 55s
Luiz Fernando Saldanha Vieira	29/09/2024	Google Meet	1h 27min 46s
Ada Lovelace ⁸	30/09/2024	Google Meet	59min 27s
Saulo Henrique Furtado Leite	02/10/2024	Google Meet	1h 23min 13s
Welber Paraizo Ferreira	02/10/2024	Google Meet	1h 10min 46s
Giovanna Souza Rodrigues	04/10/2024	CCET ⁹	1h 51min 05s
Samuel Scarcela e Souza	04/10/2024	CCET	1h 02min 26s
Pedro Quintino da Silva Neto	04/10/2024	Google Meet	43min 19s
Jadde Thaine dos Santos Oliveira	05/10/2024	Google Meet	1h 13min 55s
Maria Luiza Gomes	05/10/2024	Google Meet	57min 08s
Dyanna Ramos Fiel	07/10/2024	Google Meet	1h 09min 04s
Tiago Henrique Dias	08/10/2024	Google Meet	1h 14min 38s
Marcio Henrique Ferreira de Oliveira	16/10/2024	Google Meet	2h 27min 36s
Sophie Germain ¹⁰	19/10/2024	Google Meet	51min 12s
Alysson Patrick Vieira Santos	23/10/2024	Google Meet	1h 18min 23s
Isaac Newton ¹¹	26/10/2024	Google Meet	2h 53min 05s
Emmy Noether ¹²	03/11/2024	Google Meet	2h 05min 24s

Fonte: Dados da Pesquisa, 2024

4 Por que escolhemos a Licenciatura em Matemática?

Nesta seção, apresentaremos excertos das entrevistas realizadas que confluem com o objetivo e a questão de pesquisa deste estudo. Após a leitura atenciosa das 17 textualizações, identificamos quatro categorias de análise, as quais serão discutidas por meio da Análise de Convergências (Martins-Salandim, 2012), processo analítico no qual o pesquisador deve atentar-se para os dados coletados que são comuns e também os que diferem. Nesse sentido, analisaremos as convergências e divergências das narrativas dos depoentes.

⁸ A participante não autorizou ter o seu nome publicizado na pesquisa. Sendo assim, seu codinome será Ada Lovelace. Segundo Moraes (2024, p. 6) “Ada Lovelace é reconhecida como uma figura crucial na história da Matemática, especialmente no contexto da computação. Ela é conhecida por suas contribuições significativas para a compreensão e desenvolvimento da máquina analítica de Charles Babbage, uma máquina projetada no século XIX que é considerada um precursor dos computadores modernos”.

⁹ Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, localizado no Prédio 3 no *campus* Darcy Ribeiro da Unimontes.

¹⁰ A participante não autorizou ter o seu nome publicizado na pesquisa. O seu codinome será: Sophie Germain. Segundo Hall, Jones e Jones (2004) Sophie Germain foi uma matemática francesa que, devido às restrições impostas às mulheres em sua época, adotou um nome masculino para seguir seus estudos em Matemática. Ela se dedicou na área da Teoria dos Números, sendo a sua contribuição mais notável a formulação dos números intitulados “primos de Germain”, em que ela demonstrou a validade do Último Teorema de Fermat para números primos.

¹¹ O participante não autorizou ter o seu nome publicizado na pesquisa. Sendo assim, seu codinome será: Isaac Newton. Para Moraes, Barroso e Rosa (2020, p. 3, grifos dos autores) Newton é considerado um dos maiores matemáticos e o cientista de maior impacto na história da ciência, o mesmo “formulou o teorema conhecido como Binômio de Newton, escreveu sobre séries infinitas (o embrião do cálculo diferencial e integral), construiu o primeiro telescópio refletor, dentre outras várias realizações. Sua principal obra foi *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural (Principia)*, considerada uma das mais influentes na história da ciência”.

¹² A participante não autorizou ter o seu nome publicizado na pesquisa. Sendo assim, seu codinome será Emmy Noether. Para Patrão (2016, p. 1) “Emmy Noether foi considerada a mais importante mulher na história da matemática por, entre outros, Pavel Alexandrov, Herman Weyl, Norbert Wiener e pelo próprio Albert Einstein. Ela simplesmente mudou a face da álgebra moderna, tendo revolucionado as teorias dos anéis, corpos e álgebras”.

4.1 O professor da Educação Básica como inspiração

A escolha pela licenciatura, além de ser algo pessoal, intrínseco e subjetivo, pode ser, sobretudo, realizada a partir da admiração, influências e reflexos de pessoas externas (Ribeiro *et al.*, 2018), nesse caso, professores da Educação Básica. Curi (2011, p. 78) revela que

a formação do professor se inicia antes dele frequentar os cursos de Graduação. O professor é o único profissional que vai trabalhar no mesmo ambiente em que foi formado, por esse motivo carrega marcas de toda sua vivência naquele ambiente, incluindo de seus professores (bons ou ruins). Muitas vezes ele se espelha em situações vivenciadas na sua formação anterior ao curso de Graduação.

Para a autora, os futuros professores também se espelham em profissionais que tiveram antes da sua formação inicial de professor, levando consigo experiências que os marcaram durante sua trajetória. Dos 17 egressos participantes deste estudo, 12 referiram em seus depoimentos que a escolha pela licenciatura se deu, também, por causa de algum(ns) professor(es) que eles tiveram durante as aulas tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio.

¹³*Quem me influenciou mesmo a escolher Matemática foi meu professor do Ensino Médio, até porque eu morava na mesma casa que ele, então convivia muito com esse universo escolar e da Matemática* (Excerto do depoimento de Luiz Fernando Saldanha Vieira, entrevista em setembro de 2024).

Lembro que as duas professoras que tive no Ensino Médio eram formadas na Unimontes inclusive, e, com certeza, elas foram fundamentais para eu escolher seguir esse caminho (Excerto do depoimento de Welber Paraizo Ferreira, entrevista em outubro de 2024).

Para escolher a Licenciatura em Matemática tive como inspiração minha professora de Matemática do terceiro ano do Ensino Médio. Ela veio tomar posse aqui em São Geraldo e eu estava naquela fase de decidir o que queria fazer, o que queria seguir, e a única coisa que sabia, era que queria estudar. Então ela chegou aqui, e, para mim, foi uma fonte de inspiração (Excerto do depoimento de Maria Luiza Gomes, entrevista em outubro de 2024).

Por meio dos depoimentos dos egressos Luiz Fernando, Welber e Maria Luiza, é possível inferir que professores do Ensino Médio foram importantes para sua escolha pela licenciatura. Essa etapa da Educação Básica é relevante nas futuras escolhas acadêmicas e profissionais, pois, conforme afirmam Cericatto, Alves e Patias (2017, p. 31), o Ensino Médio “é um dos primeiros momentos no qual os jovens fazem as suas escolhas para a futura vida profissional”. Palavras como “*foram fundamentais*” refletem a importância da figura do professor para a escolha profissional dos depoentes.

A fala de Luiz Fernando deixa entrever que a relação familiar também é um aspecto presente, pois, como salientou, ele residia com um parente que, na ocasião, era o seu professor de Matemática do Ensino Médio e a convivência diária favoreceu sua escolha pela licenciatura.

No depoimento de Maria Luiza, é possível identificar o impacto positivo e a inspiração que uma professora do Ensino Médio teve em sua escolha profissional. A indecisão do que fazer após a conclusão dessa etapa e qual carreira seguir, está presente em sua fala, e, de acordo a

¹³ Esclarecemos que, daqui em diante, todos os excertos dos depoimentos de nossos colaboradores serão grafados em itálico para enfatizar suas narrativas.

depoente, essa professora foi um exemplo para sua decisão de cursar uma licenciatura. Também, a certeza da importância de prosseguir nos estudos revela a predisposição em continuar aprendendo.

[...] tive duas professoras de Geografia que quando eu olhava para elas falando, eu ficava apaixonada pela forma que elas explicavam. A aula era tão boa que quando acabava eu pedia para continuar, porque não queria sair, pois escutá-las era bom demais, e lembro que um dia pensei, “preciso ser assim, porém com a Matemática” (Excerto do depoimento de Giovanna Souza Rodrigues, entrevista em outubro de 2024).

Tive professores, não de Matemática, que foram muito bacanas comigo e me incentivava a fazer uma faculdade de uma área que eu gostasse. Lembro que via neles algo positivo, posturas que eu, enquanto professora, na época, gostaria de ter. Eles mostravam muito o lado humano quando conversávamos coisas pessoais nossas (Excerto do depoimento de Emmy Noether, entrevista em novembro de 2024).

Durante a minha vida escolar nunca tive nenhum incentivo para a escolha pela licenciatura além do professor de Física que tive, na verdade eu era desmotivado, por meus professores, por motivos de salário baixo, excesso de trabalho, estresse e indisciplina dos alunos, para não ir para esse campo e até hoje, que já estou na docência, pessoas, inclusive alguns professores, me falam assim, “moço, sai dessa vida, vai fazer outra coisa” (Excerto do depoimento de Alysson Patrick Vieira Santos, entrevista em outubro de 2024).

Para os depoentes Giovanna, Emmy e Alysson, divergindo do egresso Luiz Fernando e da egressa Maria Luiza, a influência do profissional docente para sua escolha pela licenciatura não foi de um professor de Matemática. O relato de Giovanna revela o lado emocional e de admiração entre a estudante e suas professoras de Geografia, pois, segundo a depoente, o fazer pedagógico¹⁴ e a didática¹⁵ das professoras alcançavam e despertavam o prazer de estar presente nas aulas, e por isso, ela se enxergava na profissão, mas na Matemática.

O excerto do depoimento de Emmy nos permite ver que a inspiração da sua escolha pela licenciatura, no que tange aos professores que ela teve na Educação Básica, veio do “*lado humano*” deles. Sobre isso, Moura e Rodrigues (2015) afirmam que a humanidade presente no professor coadjuva na formação e no desenvolvimento cidadão do estudante, como membro participante da sociedade, indo além do âmbito intelectual.

Ainda nesse sentido, Rodrigues e Dias (2013, p. 11) asseveram que “o vínculo entre professor e aluno depende da aproximação de ambos, da relação de simpatia do professor com os alunos, da sua capacidade de ouvir”, afirmando a importância de o docente escutar o estudante. Nessa esteira, Gómez Chacón (2003, p. 20) evidencia que no âmbito do domínio afetivo, ele exerce influência nas relações construídas entre professores e estudantes, sendo constituído por meio de “atitudes, crenças, considerações, gostos e preferências, emoções, sentimentos e valores”.

As emoções que sentimos são representações sociais ligadas a valores, identidade e a relação intersubjetiva entre pares. A autora também evidencia que essas representações é um

¹⁴ Temos, fundamentados em Libâneo (2001, p. 158), que o fazer pedagógico é o processo referente à prática docente, o trabalho de ensinar, compreendido pela maneira que o docente atua em sala de aula, “de modo que o termo pedagogia estaria associado exclusivamente a ensino”.

¹⁵ Nas palavras de Libâneo (2013, p. 53), “a Didática assegura o fazer pedagógico na escola, na sua dimensão político-social e técnica; é, por isso, uma disciplina eminentemente pedagógica”. Então, a função da didática é amalgamar a teoria, prática e contexto, logo, a habilidade do docente de ensinar está na sua capacidade de convergir o conteúdo com a maneira que ele irá ensiná-lo, perfazendo, assim, suas habilidades didáticas, proporcionando aos estudantes a aprendizagem.

conjunto de crenças e atitudes que une intenções, sendo possível concluir que “toda representação social possui um componente emocional, possui uma grande carga afetiva” (p. 45).

No excerto do depoimento de Alysson, é apresentada uma convergência com Giovanna e Emmy, ao afirmar que somente um professor, de Física e não de Matemática, foi sua inspiração para escolher a licenciatura, mas, na época, era desmotivado com a principal fonte de desestimulação sendo seus professores da Educação Básica, por motivos de baixos salários, excesso de trabalho, estresse e indisciplina dos estudantes, para realizar essa escolha e seguir por esse caminho. Essa desmotivação é problematizada por Gomes e Silva (2019), ao afirmarem ser comum professores não motivarem os estudantes a escolherem as licenciaturas, tornando público e externando o descontentamento no exercício da profissão, o que corrobora a narrativa deste egresso.

A falta de incentivo dos professores da Educação Básica com os estudantes para esses ingressarem em uma licenciatura pode ter algumas razões, entre elas, a desvalorização da profissão por parte tanto do Estado quanto da própria sociedade, com o parco reconhecimento social e financeiro; percepção de carreiras mais atraentes do que a do professorado; e a falta de apoio institucional para o desenvolvimento na profissão assim como a falta de plano de carreira.

Durante a minha vida escolar teve uma pessoa que me fez gostar e querer ir para a Licenciatura em Matemática, que foi o professor Galileu¹⁶, que inclusive é da Unimontes. [...] Então, foi justamente por causa dele, e pelo jeito que ele dava a aula, que me vi na Matemática (Excerto do depoimento de Pedro Quintino da Silva Neto, entrevista em outubro de 2024).

No depoimento do egresso Pedro, é possível identificar a figura do professor como influenciador e mediador no “gostar” e no “querer” uma licenciatura. A fala do depoente revela ainda que a maneira como o professor lecionava, instigando-o a querer aprender a disciplina cada vez mais, assim como a explicação que não era somente dado o conteúdo, mas sim construído o aprendizado, foi a forma como ele se viu na Matemática, indicando um processo de identidade profissional a partir da convivência com esse professor.

Nesse sentido, Dubar (2005, p. 135) revela que a “identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e a seu conhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro”, logo, na visão do autor, é olhando o outro, no caso do egresso Pedro, para o professor, que a pessoa reflete sobre quem é ou até mesmo quem deseja ser, e a partir dessa visão é que “nos forjamos numa identidade para nós mesmos”. Ou seja, a maneira que o professor Galileu trabalhava em sala, com organização, instigação visando a construção de conhecimento e o encanto pela Matemática, foi a inspiração do depoente Pedro para o ingresso na licenciatura.

A fala de Jadde de que “tive professores que pela maneira que me tratava me inspirou a escolher a licenciatura” revela a importância da afetividade e do bom tratamento de um professor para com o estudante, pois, para a egressa, a forma como ela era tratada por alguns professores foi motivo de inspiração, assim como a fez querer escolher a licenciatura. Nesse

¹⁶ Salientamos que os nomes de professores citados pelos depoentes durante as entrevistas foram identificados com codinomes de personalidades importantes para a Matemática, a fim de resguardar sua identidade. Segundo Santos e Matos (2021, p. 17), Galileu foi um físico, matemático, filósofo e astrônomo, “personagem fundamental na revolução científica que ocorreu entre os séculos XVI e XVII, considerado o pai do método experimental e um dos fundadores da Ciência Moderna, teve papel essencial para o desenvolvimento da Ciência”.

sentido, Oliveira e Alves (2005) afirmam que as interações sociais é o principal recurso para o desenvolvimento da relação humana, e, para tanto, essas interações precisam ser sadias e benéficas. Também, no que tange a inspiração por gostar do profissional e da Matemática, Dyanna e Tiago revelam em seus depoimentos que,

[...] gostava muito e também da professora que tive, pois me inspirou muito. Ela sempre trazia dinâmicas, e era muito diferente principalmente pois naquela época não tinha tantas dinâmicas e brincadeiras no ensino de Matemática, e, na minha opinião, ela se destacava por isso (Excerto do depoimento de Dyanna Ramos Fiel, entrevista em outubro de 2024).

[...] duas professoras em específico me recordo. Elas foram as que me fez ver a Matemática de um jeito muito gostoso de estudar. E eu estudava realmente, não somente para resolver questões, mas, para aprender de fato. Elas tinham uma ideia na cabeça que os alunos tinham que saber a Matemática Básica, e elas ensinavam muito bem. Então, essas professoras me inspirou e me fez gostar de Matemática (Excerto do depoimento de Tiago Henrique Dias, entrevista em outubro de 2024).

O excerto da depoente Dyanna retrata a importância das dinâmicas e brincadeiras que conduzem a uma abordagem lúdica no ensino de Matemática – componente curricular que é visto como desafiador por parte dos estudantes, pois, segundo Lira, Silva e Neto (2024), os principais desafios para aprendizagem da Matemática está no próprio desinteresse por parte dos estudantes, já que para eles aquele conhecimento não tem propósito em suas vidas; problemas de leitura e interpretação textual, que contribui para o não entendimento da Matemática; a dificuldade na compreensão de conteúdos elementares como operações básicas, fração e mínimo múltiplo comum.

A professora, ao trabalhar com brincadeiras e dinâmicas em suas aulas, se destacava dos demais, sendo uma lembrança marcante e inspiradora para a egressa escolher a Licenciatura em Matemática. Para Silva, Souza e Souza (2024), além de auxiliar no processo de aprendizagem da Matemática, o lúdico se mostra como um instrumento pedagógico que contribui na relação afetiva entre professor e estudante, pois, por meio do lúdico, os professores, segundo Pinheiro e Rosa (2016), mergulham e valorizam a dinâmica cultural dos estudantes, desenvolvendo uma educação inclusiva visando a transformação social.

Já no excerto do depoimento de Tiago, é possível analisar o que Freire (1996) propõe: o professor como mediador na construção do conhecimento, e não na sua mera transmissão. Ao afirmar que as professoras o fizeram ver a Matemática de outra maneira, e não somente para resolver questões de forma técnica e instrumental, “*mas para aprender de fato*”, de modo que o influenciou em sua escolha. Isso nos revela a importância do professor instigador, e que permite florescer no estudante o interesse por aprender e, por que não, inspirar e motivar sua escolha profissional.

Também no que tange à maneira do(a) professor(a) de ensinar, como sendo uma inspiração para a escolha pela licenciatura, Marcio revela que

[...] nos Anos Finais do Ensino Fundamental eu tive alguns professores que me chamavam a atenção, tive um, por exemplo, que era professor de colégio militar; então era uma aula diferente e era bem legal, apesar de ser muito rígido, ele gostava das aulas sempre com muito silêncio, lia a bíblia no início do horário, mas era indiscutível o carinho dele por ensinar. [...] Já no Ensino Médio, tive uma professora de Matemática que me chamava muita atenção, [...] a maneira que aprendi a estudar Matemática com ela, estudo até hoje para fazer prova de concursos. Então, ela me marcou muito (Excerto do depoimento de Marcio Henrique Ferreira de Oliveira).

O depoimento de Marcio destaca um exemplo de professor rígido¹⁷ que, durante as aulas, prezava pelo silêncio. Para o egresso, mesmo sendo um professor que escolhia a rigidez como abordagem de trabalho, “*era indiscutível o carinho dele por ensinar*”, de forma que o inspirou a escolher a licenciatura, assim como sua professora do Ensino Médio, com aulas mais objetivas. Para Moraes (2018, p. 343), “quando o professor trabalha com prazer, satisfação e dedicação com seus alunos, isso é bom para ele enquanto profissional, pois mostra que realmente quer estar na docência”.

Sobre as experiências com profissionais que tiveram durante a Educação Básica, Sophie revela uma divergência com todos os outros depoimentos analisados nesta categoria, em que, para ela,

Algo que me marcou também foi uma professora de Matemática. [...] na época tive uma prova que era de análise combinatória, e eu resolvi, porém, sem utilizar as fórmulas e da maneira convencional que resolvia. Para a minha surpresa, mesmo o resultado estando certo, a professora colocou errado em todas as questões, só porque eu tive um outro pensamento que não era a fórmula. Lembro que fiquei revoltada, pois as respostas estavam corretas. E foi ali, naquele episódio que ela me inspirou a fazer Matemática, mas para ser diferente dela (Excerto do depoimento de Sophie Germain, entrevista em outubro de 2024).

Por meio do depoimento é possível inferir que a egressa Sophie escolheu a licenciatura com o intuito de ser diferente da professora que teve na Educação Básica, que não oportunizava sua autonomia, prezando pela valorização dos métodos tradicionais¹⁸ em detrimento da busca individual e autônoma por soluções e pela construção do conhecimento¹⁹.

Portanto, seja pela convivência, admiração, afetividade, humanidade, por saber e gostar de ensinar, oportunizando o estudante aprender, por provocar a construção de conhecimento, ser um exemplo ou até mesmo para ser diferente do professor que teve como influência para escolher a profissão, os depoimentos apresentados nesta categoria convergem com as análises de Curi (2011) sobre como, para algumas pessoas, a escolha pela licenciatura pode ser vigorosamente influenciada por profissionais, bons ou não²⁰, que despertam nos estudantes o desejo de firmar seus passos na carreira e se tornarem professores.

¹⁷ Para Lima, Carneiro e Santana (2017, p. 1-2) “o Docente denominado de ‘Rígido’ seria aquele disciplinador, sistemático, intolerante informalmente, que não possui nenhum tipo de intimidade com os alunos (contato ou assuntos extraclasse) e minucioso nas correções das avaliações”. Sendo assim, o docente rígido é aquele que tem uma postura autoritária, disciplinadora e inflexível, mantendo um controle rigoroso sobre o comportamento dos estudantes, como apontado no depoimento de Marcio.

¹⁸ Compreendemos por método tradicional de ensino aquele em que o docente prioriza o ensino expositivo com característica de transmissão de conteúdo, ênfase em memorização e passividade do estudante. Nesse sentido, Oliveira e Lopes (2023, p. 2) asseveram que no ensino tradicional de Matemática o docente “privilegia a aula expositiva tornando assim o estudante um memorizador de conteúdos, impossibilitado de agir e pensar criticamente”.

¹⁹ Para Santaló (2001, p. 11) “a missão dos educadores é preparar as novas gerações para o mundo em que terão que viver”, ou seja, os professores precisam se atentar para o que virá após o período escolar dos estudantes, e, para tanto, devem promover a autonomia e construção do conhecimento, para que esses sejam cidadãos críticos e que estejam preparados para atuarem em uma sociedade mutável.

²⁰ Em sua obra, Cunha (2008) traz uma reflexão do que caracteriza um bom professor. Na pesquisa realizada pela autora, ela concluiu que o bom professor é aquele que consegue ensinar com clareza, tendo domínio de conteúdo e da sua área de ensino; tem a afetividade com os estudantes nas suas práticas; preocupa com a aprendizagem e acredita no potencial dos seus educandos; tem os estudantes como participantes ativos nos processos de ensino e de aprendizagem, não preocupando somente em passar o conteúdo; não é o profissional *bonzinho*, mas sim, exigente e cobrador dos estudantes. Antagonicamente, o *não bom* professor pode ser caracterizado pela prática desinteressada pela aprendizagem dos estudantes; desconectado com as realidades e necessidades da classe; o que não consegue ensinar aquilo que sabe e nem cria um ambiente saudável, com uma boa convivência, que seja propício para a efetivação dos processos de ensino e de aprendizagem.

4.2 Encanto e gosto pela Matemática

Consoante Vasconcelos e Ataíde (2015), as experiências na convivência diária se revelam importantes para as escolhas, tanto no âmbito profissional quanto acadêmico. Sendo assim, a escolha pelo Curso de Licenciatura em Matemática possui relação com as vivências cotidianas dos sujeitos, assim como na relação que tiveram com esta disciplina durante a Educação Básica.

O contato com a Matemática, produtivo ou árido, vivenciado pelo estudante, possibilita produzir profícuas experiências que podem oportunizar o gosto e o encanto por ela e influenciar decisivamente na escolha pela licenciatura, assim como pode gerar o contrário, causando a rejeição tanto da disciplina quanto da profissão. Dos 17 depoentes participantes deste estudo, sete evidenciaram que a escolha pela Licenciatura em Matemática se deu, também, por causa do gosto, destaque e facilidade que tinham com a disciplina durante a Educação Básica.

Eu vi que seria uma professora de Matemática durante a Educação Básica, já tinha isso muito claro, principalmente por conta que me destacava muito na disciplina (Excerto do depoimento de Dyanna Ramos Fiel, entrevista em outubro de 2024).

Durante a vida escolar sempre gostei de Matemática e ela sempre chamou a minha atenção (Excerto do depoimento de Luiz Fernando Saldanha Vieira, entrevista em setembro de 2024).

Eu gostava bastante das aulas de Matemática, não sei se é porque eu tinha uma facilidade e também a explicação dos professores eram muito boas, mas gostava bastante (Excerto do depoimento de Igor Soares Santos, entrevista em setembro de 2024).

Também eu sempre gostei muito de Matemática, sempre me desempenhei muito na escola em relação a ela (Excerto do depoimento de Welber Paraizo Ferreira, entrevista em outubro de 2024).

Por meio das narrativas de Dyanna, Igor, Luiz Fernando e Welber, é possível verificar que o gosto e o destaque que tinham na disciplina, durante a Educação Básica, foram motivos que nortearam suas escolhas pela Licenciatura em Matemática. A experiência positiva com a disciplina e com os professores, refletindo na facilidade de aprender, figurou-se como um fator tanto motivador quanto decisivo na escolha por essa licenciatura. Ribeiro *et al.* (2018) também concluíram que os estudantes escolhem um curso superior a partir das boas experiências que tiveram anteriormente e do gosto pela área, corroborando a visão dos depoentes deste estudo.

O depoimento de Dyanna revela o autoconhecimento e a sua identidade profissional²¹ por se ver como professora de Matemática desde a Educação Básica. Nesse sentido, é possível inferir que o desempenho escolar da depoente influenciou na sua decisão de escolher a Licenciatura em Matemática, assim como o seu interesse pela área.

Luiz Fernando e Welber compartilham o interesse pela Matemática desde a época da escola, em seus depoimentos ambos enfatizam o gosto pela disciplina como fator importante na decisão da profissão a seguir, como apontado por Vasconcelos e Ataíde (2015), que a convivência e a facilidade em algo influencia na tomada de decisão. Também, sobre o gosto pela Matemática e também por ensinar, Giovanna e Emmy salientam em suas falas que,

²¹ Para Silva e Silva (2022, p. 3) a identidade profissional “se relaciona com o processo de socialização na profissão, por meio do qual o indivíduo assume papéis, valores e normas do grupo profissional ao qual pertence”, e a identidade profissional docente se dá num processo vivo e evolutivo que “se constrói por intermédio da interação entre o profissional e suas vivências pessoais e da sua área de conhecimento” (Oliveira & Almeida, 2025, p. 5).

Desde criança gostava muito de lecionar, porque lá na minha casa tinha um quadro e eu brincava de escolinha, então eu chamava as meninas da rua e a gente ia brincar de escolinha e eu era a professora de Matemática. Então, desde pequena, fui para esse lado, só que nunca fui fã das outras disciplinas, o que me chamava mais atenção era a Matemática (Excerto do depoimento de Giovanna Souza Rodrigues, entrevista em outubro de 2024).

A escolha pela Licenciatura em Matemática foi uma decisão minha, pois sempre gostei de Matemática. [...] Lembro que eu entregava atividades de Matemática à minha irmã mais nova, para ela resolver, e eu gostava desse movimento (Excerto do depoimento de Emmy Noether, entrevista em novembro de 2024).

Os depoimentos de Giovanna e Emmy convergem entre si e nos permitem analisar a relação subjetiva entre elas e a Matemática, assim como o desejo de ensinar desde a infância. Ambas apresentam vivências, como *brincar de escolinha* e a entrega de atividades de Matemática para a irmã, que as conduziram à escolha da Licenciatura em Matemática, devido ao gosto pelo componente curricular.

O relato de Giovanna nos mostra que a experiência de *brincar de ser professora* com as crianças da rua e o fato de gostar de desempenhar esse papel, revela o início do seu interesse pela profissão. Nesse sentido, conforme Rabelo (2010, p. 166-167), o “gosto pela profissão acima de todas as outras possíveis motivações, é predominante entre os nossos depoentes. Desta forma, o gostar é destacado não só como motivador da escolha profissional, mas como necessário ao exercício profissional docente”. Na fala de Emmy, verificamos que sua escolha pela licenciatura não se deu apenas pela afinidade com a disciplina, mas pela satisfação de entregar atividades de Matemática para sua irmã resolver e gostar desse movimento.

Eu via muito as pessoas falando que odiava a Matemática, antigamente até tinha grupos do Orkut, que eram destinados a falar que odiavam a Matemática, então lembro que veio na minha cabeça, “por que não ajudar as pessoas a gostar de Matemática, já que eu gosto tanto?”, então me inscrevi no curso (Excerto do depoimento de Samuel Scarcela e Souza, entrevista em outubro de 2024).

Divergindo dos depoimentos de Giovanna e Emmy, Samuel não *brincava de escolinha* na infância, mas o gosto pela Matemática era presente. É possível verificar que a escolha de cursar Licenciatura em Matemática se deu pela sua vontade de “*ajudar as pessoas a gostar de Matemática*”, almejando mudar a percepção negativa das pessoas que não gostavam dela, evidenciado nos grupos da rede social Orkut.

O fato de Samuel observar virtualmente o *ódio* pela Matemática e querer ajudar as pessoas a gostarem da disciplina, nos permite ver que ele possuía uma relação positiva e afetiva com a Matemática, sendo essa relação caracterizada a partir da experiência do estudante ao aprender Matemática e, diante dos estímulos da aprendizagem, o cérebro reage emocionalmente de forma positiva ou negativa, e o que irá definir – positivamente ou negativamente – são suas próprias crenças sobre a Matemática e sobre si mesmo (Gómez Chacón, 2003).

Portanto, seja pelo gosto pela Matemática, destaque e facilidade na disciplina, por querer construir uma afetividade pela disciplina nas pessoas ou até mesmo por se verem como professores, as experiências relatadas pelos sete egressos revelam a influência do encanto pela Matemática, despertado ainda na Educação Básica, para a construção de suas identidades profissionais, motivando-os a escolherem a licenciatura.

4.3 A influência familiar na escolha da licenciatura

Segundo Almeida e Pinho (2008, p. 174), quando um jovem decide escolher a profissão a seguir, não estão envolvidos somente seus interesses e aptidões, mas também “as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família”. Logo, o círculo familiar em que está inserido é também uma influência e inspiração para essa importante decisão.

Os autores supracitados ainda apontam que há casos em que a família deposita os sonhos, perspectivas e objetivos que não foram alcançados entre seus membros no jovem que irá escolher o curso superior e/ou a profissão a seguir. Dos 17 depoentes, cinco relataram que a escolha pela licenciatura se deu a partir da experiência de conviverem com professores na família, e por isso se sentiram influenciados a escolherem a licenciatura.

[...] sempre penso na minha mãe quando lembro do porque fui para Licenciatura em Matemática, pois ela sempre quis ser pedagoga, era o sonho da vida dela e ela nunca conseguiu concluir o curso. Via a paixão que ela tinha pela educação [...] ela sempre trabalhou em equipe escolar, então acabava que todas as reuniões eu ia. Acabei tomando gosto e escolhi a licenciatura (Excerto do depoimento de Marcio Henrique Ferreira de Oliveira, entrevista em outubro de 2024).

Como inspiração pela minha escolha de cursar uma licenciatura, tenho a minha mãe, que é professora. Então, desde a infância eu tenho dentro de casa uma referência. Vivi nos bastidores da vida de uma professora durante toda minha vida (Excerto do depoimento de Ada Lovelace, entrevista em setembro de 2024).

Os excertos dos depoimentos de Marcio Henrique e Ada refletem e exemplificam o impacto da mãe, por conviverem com ela e assistirem o cotidiano dessa profissional, para suas escolhas, alinhando-se ao que apontam Almeida e Pinho (2008) e Carvalho (2017) ao afirmarem que o meio de convivência e a família exercem influência nas escolhas profissionais dos jovens. Os autores supracitados ainda apontam que a família é uma das principais influências, com a oportunidade de ajudar ou dificultar a escolha profissional dos jovens. Para tanto, as influências familiares podem ser trabalhadas de diferentes maneiras, como, durante o processo de orientação profissional, auxiliando-os a compreender as questões que estão por trás de sua escolha e as possíveis dificuldades e benefícios trazidos por determinada profissão.

Para os depoentes, a escolha pela licenciatura não foi algo somente intrínseco e subjetivo, mas também foi moldado pela influência e pelos exemplos que tinham em casa, fruto das experiências com suas mães e aspirações de seguirem seus passos, por meio das quais construíram suas percepções sobre a licenciatura e motivações para suas escolhas.

Os depoimentos dos egressos corroboram a visão de Almeida e Pinho (2008, p. 174) de que, por vezes, os filhos escolhem uma profissão talvez não pelo próprio desejo, mas pelo vínculo, convivências cotidianas e influências, haja vista que “há sempre alguma maneira de influenciar, seja expressando abertamente a opinião, muitas vezes pressionando o filho a seguir determinada profissão, seja de maneira mais sutil ou manipuladora”.

A fala de Samuel de que foi “*um pouco pressionado pela família para fazer uma graduação*”, revela uma característica complexa, e até mesmo delicada, da escolha por uma profissão: a pressão familiar. Santos (2005, p. 57-58) argumenta que essa escolha “se apresenta decisiva para a vida dos adolescentes e é vista como uma “necessidade” pela família, pela sociedade e por eles próprios. [...] A família, por vezes, assume uma postura de expectativa que faz com que o adolescente se sinta cobrado”. Ainda no sentido da influência familiar, Welber e Jadde apresentam em seus depoimentos que suas influências se deram a partir de,

[...] a família do meu pai são, em grande parte, formados em Matemática, então isso acabava motivando mais (Excerto do depoimento de Welber Paraizo Ferreira, entrevista em outubro de 2024).

[...] o meu irmão e minha cunhada, ambos formados em Matemática, também de certa forma foram fonte de inspiração (Excerto do depoimento de Jadde Thaine dos Santos Oliveira, entrevista em outubro de 2024).

Tanto o depoimento de Welber quanto o de Jadde nos permitem inferir que, além de os membros da família os inspirarem e motivarem na escolha da licenciatura, eles eram graduados em Matemática, reforçando uma tradição familiar pela escolha da Licenciatura em Matemática. Consoante Almeida e Pinho (2008), seguir o legado familiar é um fator que está presente quando jovens vão escolher uma determinada profissão, pois tendem a ser influenciados a seguir as escolhas dos membros da família. As palavras “*isso acabava motivando mais*”, utilizadas por Welber, revelam a crucialidade dos modelos familiares na escolha de qual caminho seguir, pois ele convivia com professores de Matemática em sua família, e era, ainda mais, influenciado por eles.

Diante do exposto, seja pela convivência com a mãe, pela influência familiar para ingressar num curso superior, pela carreira de parentes já licenciados em Matemática, a família influenciou a escolha pela licenciatura, bem como a profissão desses cinco depoentes, o que na concepção de Almeida e Pinho (2008) confirmam a visão de que o meio social e a família, em certa medida, induzem a decisão de qual área e profissão seguir.

4.4 Segunda opção

A escolha de uma profissão, por vezes, não está associada à área de formação que almeja o sujeito. “É o caso clássico da falta de opção que leva o estudante a realizar uma escolha por uma área que não seria da sua preferência” (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 168). Ou seja, nem sempre a escolha por uma profissão é realizada por vontade própria, por ser a primeira opção ou a que sempre almejou seguir, pois há fatores externos como recuso financeiro, aprovação em processo seletivo ou proximidade de áreas que coadjuvam e influenciam na tomada de decisão.

Em seu estudo, Ribeiro *et al.* (2018) concluíram que a escolha por determinada profissão pode ser feita por falta de ou por ser a segunda opção, pela necessidade de as pessoas trabalharem e simultaneamente estudarem, ou até mesmo escolher pela proximidade das áreas de estudo. Dos 17 depoentes que participaram deste trabalho, quatro relataram que a escolha pela licenciatura se deu não porque era a primeira opção de curso, mas por questão de notas no vestibular, fator econômico, proximidade com a família e a oportunidade de realizar um curso superior na cidade onde residiam.

Durante a Educação Básica nunca pensei em fazer Licenciatura em Matemática. [...] Queria fazer Engenharia, mas minha nota só deu para entrar na Matemática. Então eu ingressei, com o pensamento de transferir para Engenharia, mas acabei gostando do curso. Nunca tinha pensado em fazer uma Licenciatura e ser professor, pois eu era uma pessoa muito tímida (Excerto do depoimento de Saulo Henrique Furtado Leite, entrevista em outubro de 2024).

Matemática não era a minha primeira opção de curso, pois a primeira era Engenharia Aeroespacial. Mas, como vim de uma cidade pequena, sem condições financeiras para me manter em Montes Claros e pagar por muito tempo um cursinho, acabei que não tive condições de continuar estudando. Mas fiz o Enem e tentei, mesmo com a nota de corte absurdamente alta, e enquanto o resultado saía, comecei a dar aulas particulares de Matemática e gostei muito, então eu falei, “é isso que quero, vou fazer Matemática” (Excerto do depoimento de Tiago Henrique Dias, entrevista

em outubro de 2024).

Na fala de Saulo, é possível concluir que ele não havia cogitado durante o período da Educação Básica, ingressar numa licenciatura e ser professor, por causa da sua timidez. A sua primeira opção de curso superior era a Engenharia, entretanto, por questões externas como nota no vestibular, ingressou em Matemática pela proximidade das áreas e pela possibilidade de transferir para o curso que era sua pretensão inicial. Portanto, a sua decisão de ingressar no Curso de Licenciatura em Matemática não foi por desejo pessoal, mas por necessidade e por lograr sua expectativa: a Engenharia.

O relato de Tiago também destaca que sua escolha pelo curso superior, inicialmente, não era a Licenciatura em Matemática e sim Engenharia Aeroespacial, entretanto, por questão financeira, de se manter em uma cidade e por não conseguir pagar um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), teve que parar de estudar. A alternativa encontrada por ele foi dar aulas particulares de Matemática e, por gostar dessa atividade, a sua decisão foi ingressar na licenciatura.

Mesmo quando a licenciatura não é a primeira opção, há possibilidade de construção de identidade profissional, Saulo, por exemplo, ao constatar que gostava do curso, escolheu continuar e não mudar para Engenharia, de modo que reconsiderou sua ideia inicial de não ingressar numa licenciatura. Tiago, ao dar aulas particulares, descobriu o seu gosto por ensinar. Conquanto, a escolha tanto de Saulo quanto de Tiago não tenha sido o que desejavam inicialmente, foi ao trilhar esse caminho que descobriram sua aptidão para licenciatura bem como o desejo de se tornarem professores.

Também, fatores situacionais coadjuvam na tomada de decisão de qual profissão seguir, como evidenciado nas falas de Welber e Newton a seguir.

[...] para escolher qual curso fazer, eu tinha uma realidade diferente, porque São Francisco é uma cidade que não é grande, e não têm tantas oportunidades de diferentes graduações gratuitas, e a Unimontes lá tem o curso de Matemática, então juntei o útil ao agradável (Excerto do depoimento de Welber Paraizo Ferreira, entrevista em outubro de 2024).

[...] a minha escolha pela licenciatura tem muito a ver com o apego a minha família, pois aqui em São Francisco, na Unimontes daqui, só tinha praticamente os Cursos de Licenciatura na área de Matemática, Biologia e História, por não querer mudar de cidade, acabei escolhendo Matemática porque eu gostava também (Excerto do depoimento de Isaac Newton, entrevista em outubro de 2024).

Os depoimentos de Welber e Newton evidenciam que a escolha profissional pode ser realizada a partir do contexto regional, apego familiar e pela cidade onde residem. Ambos são da cidade de São Francisco, no estado de Minas Gerais, onde a Unimontes tem um *campus*. Pela fala de Welber é possível analisar que a oferta de cursos na instituição é reduzida por causa do tamanho da cidade e a falta da possibilidade de outras opções para realizar a escolha de qual curso superior ingressar, como também salienta o depoente Newton. Sendo assim, a localização é um fator que diminui a possibilidade do estudante na escolha por um curso, sendo que sua decisão pode ser tomada com base na disponibilidade.

Sobre a distância dos grandes centros ser um fator limitador para cursar uma licenciatura, é possível verificar que especialmente em regiões com pouca infraestrutura, o acesso ao ensino superior é mais dificultoso, tornando necessário o deslocamento diário ou até a mudança de localização, implicando em custos financeiros e desafios logísticos que nem todos

conseguem enfrentar.

No depoimento de Newton fica clara a necessidade de ingressar em um curso superior oferecido por uma instituição de ensino superior local, assim como a conveniência e a escolha de não mudar de cidade por não querer se distanciar da família. Almeida e Pinho (2008) afirmam que a família exerce influência nas decisões acadêmicas e profissionais dos jovens, e Santos (2005, p. 57, grifos nossos), salienta que “por ser considerado um momento importante [a escolha de uma profissão] o adolescente sente necessidade de ter apoio da família e dos pares durante o período de escolha [profissional e acadêmica]”

Considerando o exposto nesta categoria, a da escolha do curso e da profissão como segunda opção, ligada a circunstâncias que estão além da vontade das pessoas, como poucos recursos financeiros, resultado não desejado em vestibular, proximidade de áreas de estudo entre o curso desejado e o escolhido, contexto regional pelo fato da instituição de ensino superior estar localizada na região em que residem os depoentes, apego à família e à cidade onde moram, influenciam na escolha de qual curso seguir.

5 Considerações finais

O objetivo do estudo foi compreender as motivações e as influências, para a escolha de cursar uma licenciatura e de ser professor, dos egressos do Curso de Matemática da Unimontes, graduados no período de 2020 a 2023. As questões norteadoras deste artigo foram: Por que escolheram a licenciatura? Quais ou quem foram suas influências, motivações e inspirações para realizar essa escolha? Esses questionamentos puderam ser respondidos por meio das quatro categorias analisadas na seção anterior.

Na categoria *O professor da Educação Básica como inspiração*, constatamos que a admiração, a afetividade, o professor além de saber, gostar de ensinar, oportunizaram aos estudantes construir conhecimento. Os depoentes desta categoria evidenciaram como a escolha de cursar Matemática foi influenciada por profissionais, bons ou não, que tiveram durante a Educação Básica.

Já na categoria *Encanto e gosto pela Matemática*, os resultados nos permitiram ver que o fato dos depoentes gostarem da Matemática, terem destaque e facilidade na disciplina, por quererem ser professores dela desde a infância ou pela vontade de instigar as pessoas a gostarem de Matemática, como os próprios gostavam durante a Educação Básica, foram motivos para escolherem a licenciatura.

Na análise da categoria *A influência familiar na escolha da licenciatura*, concluímos que a influência familiar para ingressar em um curso superior, a convivência com uma mãe professora, assim como ter parentes já professores de Matemática, influenciou na escolha pela licenciatura. Por conseguinte, o meio social e a família coadjuvaram na decisão dos jovens.

Segunda opção é outra categoria por meio da qual verificamos que, não sendo a licenciatura a primeira opção de curso, circunstâncias e fatores como questão financeira, notas em vestibular que não possibilitavam o ingresso no curso que desejavam, proximidade de áreas de estudo, apego à família e à cidade onde residiam, são fatores extrínsecos que exerceram influência nos depoentes no momento da escolha pelo Curso de Licenciatura em Matemática.

Portanto, foi possível concluir que as motivações e as influências para a escolha de cursar uma licenciatura e de ser professor, dos egressos participantes deste estudo, são oriundas de fatores intrínsecos e subjetivos, como o encanto e o gosto pela Matemática, e extrínsecos, quais sejam, professores que os depoentes tiveram na Educação Básica que serviram de inspiração e motivação, apelos da família, oportunidades locais, fatores econômicos e regionais.

O estudo realizado apresenta contribuições para pesquisas no campo da Educação Matemática e para os debates sobre a formação de professores. Ao fornecer subsídios empíricos para investigar as motivações e influências que conduziram os egressos do Curso de Matemática à escolha pela licenciatura, a pesquisa lança luz sobre aspectos que perpassam tanto a dimensão subjetiva quanto as condições e oportunidades para a escolha profissional.

Este trabalho, embora tenha alcançado seu objetivo e oportunizado reflexões sobre as motivações para a escolha da Licenciatura em Matemática, apresenta limitações. A principal delas refere-se à delimitação da amostra, composta exclusivamente por egressos de uma única instituição e de um período específico, o que restringe a diversidade de contextos e experiências.

Diante disso, recomenda-se para futuras investigações a ampliação do universo de participantes, contemplando diferentes regiões e instituições, explorando metodologias que possibilitem o acompanhamento longitudinal dos licenciandos, permitindo uma análise mais ampla dos fatores que coadjuvam a escolha pela licenciatura.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida.

Referências

- Agostini, G. & Massi, L. (2017). Atratividade e permanência na carreira docente: Um estudo sobre o encaminhamento profissional de licenciados em química. In: *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências* (pp. 1-10). Florianópolis, SC.
- Alberti, V. (2005). Histórias dentro da História. In: C. B. Pinsky (Org.), *Fontes históricas* (pp. 155-202). São Paulo, SP: Contexto.
- Almeida, M. E. G. G. de & Pinho, L. V. de. (2008). Adolescência, família e escolhas: Implicações na orientação profissional. *Revista Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. (2017). *Censo Escolar da Educação Básica 2016: Notas Estatísticas*. Brasília, DF.
- Carvalho, L. F. (2017). *A escolha da Licenciatura em Matemática na Unesp: O que dizem os ingressantes*. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, SP.
- Castro e Almeida, S. P. N. (2015). *Um lugar: Muitas histórias - O processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/Norte de Minas Gerais (1960-1990)*. 403f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.
- Ceriatto, C.; Alves, C. F. & Patias, N. D. (2017). A maturidade para a escolha profissional em adolescentes do ensino médio. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 22-37.
- Cunha, M. I. da. (2008). *O bom professor e sua prática*. Campinas, SP: Papirus.
- Curi, E. (2011). A formação inicial de professores para ensinar Matemática: Algumas reflexões, desafios e perspectivas. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, 6(9), 123-134.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Gatti, B. A. (2010). *Atratividade da Carreira docente no Brasil*. São Paulo, SP: Fundação Victor Civita.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Gómez Chacón, I. M. (2003). *Matemática Emocional: os afetos na aprendizagem matemática*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Gomes, M. da S. & Silva, S. L. da. (2019). *O desencanto do encanto de ser professor*. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL.
- Hall, N.; Jones, M. & Jones, G. (2004). A vida e o trabalho de Sophie Germain. *Gazeta de Matemática*, (146), 32-35.
- Libâneo, J. C. (2001). Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, (17), 153-176.
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática*. São Paulo, SP: Cortez.
- Lima, M. L. F.; Carneiro, P. H. V. S. & Santana, O. A. (2017). A docência entre a rigidez e a flexibilidade: avaliação dos docentes frente aos saberes necessários à prática educativa. In: *Anais do IV Congresso Nacional de Educação* (pp. 1-11). Campina Grande, PR.
- Lira, J. V. D.; Silva, M. V. R. da & Neto, J. F. S. (2024). Dificuldades de aprendizagem Matemática: o que dizem pesquisas recentes. *Educação Matemática em Revista - RS*, 1(25), 54-61.
- Martins-Salandim, M. E. (2012). *A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: Um exame da década de 1960*. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP.
- Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de História Oral*. São Paulo, SP: Loyola.
- Meihy, J. C. S. B. & Holanda, F. (2015). *História Oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo, SP: Contexto.
- Moraes, E. L. de S.; Barroso, F. F. & Rosa, L. P. (2020). Newton e Leibniz: Uma proposta de abordagem histórica sobre a origem do cálculo no ensino superior. *Revista Scientiarum Historia*, 2, 1-10.
- Morais, A. C. S. (2024). As mulheres na matemática: Histórias de superação. *International Seven Multidisciplinary Journal*, 3(3), 1-15.
- Morais, R. da C. (2018). O prazer em ensinar na docência. *Eventos Pedagógicos*, 9(1), 335-355.
- Moura, F. K. S. de & Rodrigues, D. F. (2015). Diálogo sobre a importância do papel do professor na construção da formação humana do aluno. In: *Anais do II Congresso Nacional de Educação* (pp. 1-12). Campina Grande, PR.
- Nóvoa, A. (1995). O passado e o presente dos professores. In: A. Nóvoa (Org.), *Profissão Professor* (pp. 13-34). Porto, Portugal: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa, Portugal: Educa.
- Oliveira, C. B. E. de & Alves, P. B. (2005). *Ensino fundamental: papel do professor, motivação*

- e estimulação no contexto escolar. *Paidéia*, 15(31), 227-238.
- Oliveira, S. M. de & Almeida, S. P. N. de C. e. (2025). Egressos dos Cursos de Licenciatura em Matemática: o que dizem pesquisas recentes sobre suas escolhas profissionais e acadêmicas?. *Debates em Educação*, 17(39), 1-26.
- Oliveira, S. M. de & Lopes, R. (2023). O Júri Simulado como metodologia ativa no curso de Licenciatura em Matemática. *Educação Matemática Debate*, 7(13), 1-17.
- Patrão, M. (2016). Uma pequena biografia de Emmy Noether. *e-Boletim da Física*, 4(3), 1-3.
- Pinheiro, R. C. & Rosa, M. (2016). Uma perspectiva etnomatemática para o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos. *Revista Paranaense de Educação Matemática*, 5(9), 56-83.
- Pinto de Carvalho, T. K.; Gonçalo Bento, E.; de Souza Anastácio, P. R. & de Assis Martins, M. I. (2020). Estudantes de Licenciatura: Trajetórias escolares e escolha da profissão. *Linhas Críticas*, 26, 1-19.
- Previtali, F. S. & Fagiani, C. C. (2015). Trabalho e educação na nova ordem capitalista: inovação técnica, qualificação e precarização. *Revista Histedbr On-line*, 15(65), 58-72.
- Rabelo, A. O. (2010). "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças": A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. *Revista Lusófona de Educação*, 15(15), 163-173.
- Ribeiro, M. L.; Silva, F. O. da; Braga, M. C. B. & Malta, H. L. (2018). Por quais motivações estudantes escolhem a carreira profissional?. *Revista de Educação PUC-Campinas*, 23(2), 155-173.
- Rios, T. A. (2010). *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo, SP: Cortez.
- Rodrigues, P. R. & Dias, V. V. G. (2013). *Relação de afetividade entre professor e aluno: Implicações ao processo de ensino e aprendizagem*. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade Comunitária de Pedagogia da Serra. Serra, ES.
- Roque, A. C. C. & Gomes, M. L. M. (2022). História Oral e perfil dos estudantes do curso de formação de professores de Matemática da Univale (Governador Valadares-MG, 1968-2012). *História Oral*, 25(1), 229-246.
- Rolkouski, E. (2008). Histórias de vida de professores de matemática. *Boletim de Educação Matemática*, 21(30), 63-88.
- Santaló, L. A. (2001). Matemática para não-matemáticos. In: C. Parra & I. Saiz (Orgs.), *Didática da Matemática: reflexões psicopedagógicas* (pp. 11-25). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Santhiago, R. (2008). Da fonte à história oral: Debates sobre a legitimidade da entrevista. *Saeculum - Revista de História*, (18), 33-46.
- Santos, A. C. dos & Matos, S. M. S. (2021). *Percursos da investigação científica*. Aracaju, SE: República do Livro.
- Santos, A. S. & Silva, D. R. da. (2022). História oral e história de vida: Aspectos conceituais e históricos. In: L. A. C. Finelli & W. D. Soares (Orgs.), **Revisão Bibliográfica: O uso da metodologia para a produção de textos - Volume 2** (pp. 40-59). Guarujá, SP: Editora Científica Digital.

- Santos, L. M. M. dos. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.
- Silva, A. Z. & Silva, M. L. R. da. (2022). Constituição da Identidade Profissional Docente. *Educação*, 47(1), 1-29.
- Silva, F. O. da; Ribeiro, M. L. & Malta, H. L. (2018). Tipos e sentidos de motivação para a escolha do curso de licenciatura. *Perspectiva*, 36(2), 741-760.
- Silva, J. de J.; Souza, S. C. S. & Souza, J. B. de. (2024). A importância do lúdico no ensino de Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. *Humanidades & Inovação*, 10(24), 164-175.
- Thompson, P. (1998). *A voz do passado - História Oral*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Vasconcelos, V. C. de & Ataíde, A. R. P. de. (2015). A escolha pela Licenciatura em Física: Uma análise feita com estudantes ingressantes na UEPB. In: *Anais do II Congresso Nacional de Educação* (pp. 1-11). Campina Grande, PR.